

Tal Brasil, qual América?

a América Brasileira e a cultura ibero-americana

Maria de Fátima Fontes Piazza*

This article shows how the magazine – “América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional” (1922-1924) -, published by the writer Elysio de Carvalho (1880-1925), wanted to shed light on the Iberian-American literature and the relevant cultural questions of the two sides of America: the Lusitanian and the Hispanic. The magazine is dedicated to some of the personalities of the Iberian world, from Hispanic America: Rubén Darío and Rufino Blanco-Fombona; from Spain: Juan Valera, Ramón Gómez de la Serna and Azorín; from Brazil: Graça Aranha and Ronald de Carvalho. The analysis of the magazine shows how his editorial treated the coexistence between nationalism and cosmopolitanism, between tradition and modernity, so to avoid efforts to reduce the impact of the peripheral position of the Brazilian society regarding cultural welfare.

Keywords: Ibero-American, cultural welfare, literary magazine.

A revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1922-1924) teve a sua trajetória vinculada ao mito de origem da cultura brasileira: o seu passado colonial português, porém encarado não com a concepção moderna de 1922 – da busca das raízes étnicas, lingüísticas e culturais -, mas com uma noção nacionalista e conservadora a respeito de Portugal e do Brasil. No afã de resgatar as raízes ibéricas, o editor Elysio de Carvalho (1880-1925) imprimiu dupla face ao periódico: uma vertente ligada à ex-metrópole ibérica – Portugal – e outra que visava valorizar a produção literária da América Espanhola, não olvidando a tradição ibérica. Daí o papel singular que conferiu à *América Brasileira* no contexto ibero-americano.

O perfil da revista evidenciava muito da personalidade de Elysio de Carvalho – considerado um adepto de “modismos literários”, segundo Brito Broca –, o que pode ser comprovado no amplo espectro de correntes estéticas e políticas apresentadas no periódico¹. Entretanto, a obra desse alagoano de Penedo não se limitou ao “evasionismo e submissão aos padrões estrangeiros”, tão intensos na sociedade brasileira da sua época.

Pode ser considerado um precursor de projetos de modernização para o país, como o da interiorização do Brasil – em *O fator geográfico na política brasileira* (1921) levado a cabo no governo Vargas com a *Marcha para o Oeste*, em 1938, e defensor ardoroso da siderurgia nacional – em *Brasil, potência mundial* (1919) – fortalecida com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1942².

O que movia Elysio de Carvalho era um “nacionalismo militante” calcado num profundo conhecimento da realidade brasileira, poder-se-ia dizer, que inspirado em Alberto Torres de *A Organização Nacional* (1914) e de *O Problema Nacional Brasileiro* (1914). Daí a obra que publicou em 1922, no ano do centenário da Independência do Brasil, sob o título *Os bastiões da nacionalidade*. Esse “nacionalismo cultural” de Elysio de Carvalho – como chamou Vamireh Chacon – pode ser visto no vibrante enaltecer da missão do intelectual brasileiro e da contribuição lusa, sendo, inclusive, o precursor do projeto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que seria retomado meio século depois pelo Embaixador José Aparecido de Oliveira³.

Antonio Arnoni Prado, em seu estudo *Nacionalismo literário e cosmopolitismo*, chama à atenção para o fato de que o grupo da *América Brasileira* foi movido pela onda nacionalista e ufanista da Primeira República e pelos ventos que sopravam das trincheiras da Primeira Guerra Mundial, e “passa a cultivar o heroísmo libertário de Simon Bolívar, sedimentando a crença numa pretensa solidariedade latino-americana diante dos perigos cada vez mais próximos dos inimigos externos”⁴. Por outro lado, a revista contrabalançava sua atitude nacionalista, face às comemorações do Centenário da Independência do Brasil, com um cosmopolitismo que pode ser visto nas suas páginas, apresentando fortes referências a autores, livros e periódicos europeus, principalmente os franceses, como *Revue de l’Amérique Latine*, *Simple Revue*, *La Revue Mondiale*, *La vie universitaire*, *Mercure de France* (França), *La Pluma* (Espanha), *A Águia*, *Nação Portuguesa*, *Seara Nova*, *Lusitânia* (Portugal), entre muitos outros.

O cosmopolitismo da *América Brasileira* põe em evidência a francofilia ou o anatolianismo que assolava a intelectualidade brasileira da época, como pode ser percebido no discurso proferido por Elysio de Carvalho na recepção ao poeta Paul Fort (1872-1960), sob o título *La France éternelle* (1922), e na divulgação da vida e da obra de Anatole France (1844-1924). Entretanto, em análise mais acurada do periódico, vislumbra-se uma “ponte” entre a intelectualidade brasileira e alguns órgãos da imprensa cultural francesa, Philéas Lebesgue (1869-1958) e Manoel Gahisto (1878-1948) foram tradutores e divulgadores da literatura brasileira na França. Lebesgue – considerado um “brasilianista francês” – escreveu sobre a literatura brasileira em vários periódicos publicados na França, principalmente na *Revue de l’Amérique Latine* e no *Mercure de France*⁵.

A *Revue de l’Amérique Latine* (1922-1933), fundada pelo acadêmico da Sorbonne Ernest Martinenche, tinha como colaboradores assíduos Lebesgue e Gahisto. Também destacava-se Georges Le Gentil,

professor da Sorbonne, *un normalien*, que tratou das obras de Castro Alves, José de Alencar, Elysio de Carvalho, Oswald de Andrade, Afonso Arinos, Alberto Rangel, Oliveira Vianna, Afrânio Peixoto e traduziu o conto *A vingança da Peroba*, de Monteiro Lobato. Um artigo do professor Le Gentil, sob o título *Un précurseur de l'indianisme*, aparece nas páginas da *América Brasileira*; nele, o autor se remete à primeira parte do curso sobre Literatura Brasileira que ministraria na Sorbonne. Iniciou com a afirmativa de que “*L' indianisme represente, dans l'histoire de la littérature française, une tradition ininterrompue*”; por isso, mostrou a força da tradição literária francesa com os seus autores e livros que trataram do Brasil, como Ferdinand Denis, em *Une fête brésilienne a Rouen*, além de Jean de Léry, Yves d'Evreux, Claude d'Abeville e autores que serviram de referência para várias representações sobre o Brasil e os brasileiros – exotismo, bom selvagem, canibais – como Montaigne, Rousseau e Chateaubriand. As obras deste último – *Atala* e *Les Natchez* – foram um marco para os romances indianistas no Brasil, principalmente os de José de Alencar.

Entre os colaboradores brasileiros da *Revue de l'Amérique Latine*, distingüiam-se Afrânio Peixoto e Sérgio Milliet. Houve, inclusive, a publicação da conferência que Oswald de Andrade proferiu na Sorbonne, *L'effort intellectuel du Brésil contemporain*, em 1923. Também organizou um inquérito literário com alguns intelectuais de países sul-americanos e, no número 15 da revista, foram publicadas as respostas de Luiz Guimarães, Elysio de Carvalho e Afrânio Peixoto⁶.

O *Mercur de France* (1890-1965) originou-se como uma revista literária ligada aos simbolistas franceses, dirigida pelo escritor Alfred Vallette. Ela compreendia duas partes distintas, sendo que a segunda, intitulada *Revue de la Quinzaine*, trazia uma seção referente à literatura portuguesa – *Lettres Portugaises*, iniciada em 1896 por Lebesgue, que durou até meados do século vinte – e outra dedicada às *Lettres Brésiliennes* – que estreou em 1901, com Figueiredo Pimentel, tendo como sucessores Tristão da Cunha, José Severiano de Rezende, Manoel Gahisto e Roger Bastide. Pelas análises de Lebesgue e de Gahisto, a literatura brasileira era um prolongamento da portuguesa, tal como era vista pelo escritor baiano Almáquio Dinis, para quem a literatura brasileira “era enxertada no velho tronco português”⁷.

Na *América Brasileira*, Philéas Lebesgue mereceu um artigo de Luiz Annibal Falcão (nº 13, jan. 1923), em que há o enaltecimento da vida daquele escritor, morador de uma pequena aldeia chamada La Neuville-Vault, na vizinhança de Beauvais, localizada entre a Normandia e a Picardia, e que vivia dos labores da terra, ou “a rude vida dos lavradores”. O artigo é um panegírico da vida e da obra de Lebesgue que percorreu os gêneros literários do autor de *Aux fenêtres de France*, como poesia, prosa, teatro e ensaio, além das traduções e colaborações em periódicos culturais. O motivo do dito artigo seria a idéia, lançada por Marcel Coulon, de organizar uma seleta da obra de Philéas Lebesgue, além de retribuir a divulgação da literatura brasileira na França e convidar o autor a visitar o Brasil. Falcão

concluiu o texto chamando a atenção para um intelectual com pouca visibilidade na República das Letras.

“Quem leu a obra de Philéas Lebesgue, erudita, poética, dominada por um alto sopro philosophico, sabe quem é o escriptor; quem viu o seu claro olhar azul brilhar no rosto bondoso, quem ouviu a sua voz firme e nítida, a sua phrase límpida, pittorescamente apimentada pelo sotaque do Oise, contribuirá, com os seus meios e sua influênciã, para uma homenagem que nunca foi mais merecida.”

Convém salientar que o pesquisador Cláudio Veiga encontrou, no Arquivo da *Société des amis de Philéas Lebesgue* (em La Neuville-Vault), correspondências de vários escritores brasileiros, como Luiz Annibal Falcão, Coelho Neto, Xavier Marques, Dario Veloso, Almqúio Dinis, Severiano de Resende, entre outros. A formação intelectual dessa geração de escritores é tributária da cultura francesa ou da cultura latina, conforme afirmou Luiz Annibal Falcão em artigo intitulado *A missão intelectual francesa no centenário*. Isso comprova que havia um fluxo de intelectuais, circulação de idéias, de movimentos e de linguagens que permeavam a vida cultural ibero-americana, através de ligações com a República Mundial das Letras.

Manoel Gahisto escreveu um artigo intitulado *Elysio de Carvalho e o nacionalismo brasileiro* [nº 25, jan. 1924] e mereceu destaque em *Manoel Gahisto e nós* (nº 14, fev. 1923), nota em que sobressaiu o seu papel como tradutor de autores brasileiros e divulgador da literatura brasileira –, no artigo que escreveu para a *Revue de l’Amérique Latine*, mostrou-se “preocupado com o futuro da língua portuguesa no continente americano”.

Gahisto estudou aqueles, entre os nossos autores, que julgou mais representativos da sintaxe e do estilo brasileiros, como Alberto Rangel, que “parece-lhe um dos mais típicos e louva a sedução do ‘Inferno Verde’, de um exotismo direto, de uma sobriedade crua, que deve o seu efeito a um estilo extremamente pessoal, todo de palavras raras ou de alianças de palavras raras”. O tradutor francês – numa referência ao livro de João Ribeiro *A língua nacional* (1921) – lembrou, também, as considerações de José Veríssimo, que “defende a criação de uma língua brasileira, libertada do velho molde português e que corresponda mais intimamente com o nosso modo de sentir”. Teceu elogios a Monteiro Lobato, que se destacava entre “os novos com vigor e autoridade”, para o qual prescrevia o papel de:

“observador clarividente, narrador preciso e saboroso, escritor de mérito, ele parece ser também, o animador de um movimento que seria mal vindo se só visasse transformar a gramática, e que se torna sério, concentrando as pesquisas dos exploradores, as observações dos geógrafos, os votos dos pedagogos, ameaçando a ficção das letras do desmentido dos homens de estudo, reunindo

enfim, impressões e conhecimentos com a realidade brasileira, para fazê-las escrever em linguagem brasileira.”

O caminho apontado por Gahisto teve a liderança de Mário de Andrade, que publicou na *América Brasileira*, entre 1923 e 1924, as suas crônicas de Malazarte. Segundo, uma especialista sobre a obra do escritor:

“Ali, nos temas abordados, no modo de formar, no ponto de vista, no enfoque, estão ora fundidos, ora caminhando independentes, o cronista, o crítico e o contista. Mário de Andrade libertou-se finalmente das altissonâncias e dos rebuscamentos no estilo. Avança em direção à prática literária da língua falada no Brasil.”⁸

Das crônicas de *Malazarte*, da rapsódia de *Macunaíma* (1928) até o *Congresso de Língua Nacional Cantada* (1937), a trajetória do escritor paulistano esteve sempre voltada para a questão da “nacionalização” da língua.

O artigo de Manuel Gahisto na *América Brasileira*, *Elysio de Carvalho e o nacionalismo brasileiro*, foi a transcrição e a tradução do artigo que escrevera para a *Revue de l’Amérique Latine* (nov. 1923), no qual teceu elogios ao escritor brasileiro, referindo-se ao discurso deste, *La France éternelle*, (saudação ao poeta Paul Fort, em visita ao Brasil, em 22 de julho de 1922).

Gahisto chamou a atenção para dois livros de Elysio de Carvalho, *Os Bastiões da Nacionalidade e Brasil, potência mundial*, nos quais

“certas afirmações do nacionalismo brasileiro repelem, solidamente, a influência francesa. Censuram a imitação muito aproximada, a transposição dócil das modas francesas e condenam o espírito superficial que se desenvolve sob um céu austral, em fantasias passageiras. Confesso que não me causa moosa essa espécie de desafeição, aspecto limitado de um grande problema de criação artística, diante do qual não se pode hesitar.”

Também discorreu sobre a trajetória literária de Elysio de Carvalho, mostrando as múltiplas faces das suas preferências literárias e das correntes estéticas e políticas que o autor brasileiro adotara, associando o fulcro da sua obra à matriz ibérica consubstanciada na obra *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* (1911).

A percepção que vários intelectuais tinham da literatura brasileira não os permitia a sutileza de captar as tentativas de “autonomia” do campo cultural brasileiro: a sua originalidade, as suas especificidades em relação à ex-metrópole ibérica e à cultura francesa – tal como acontecia com as hostes modernistas egressas da Semana de Arte Moderna de 1922. Daí a

reverência com que a intelectualidade ibero-americana tratava os escritores franceses e considerava Paris o seu “meridiano de Greenwich literário” – segundo Pascale Casanova – ou a “capital literária da América Latina” – de acordo com Pierre Rivas.

A *América Brasileira* direcionou sua linha editorial para o campo literário, especialmente para dois expoentes da literatura hispano-americana: o poeta e escritor nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) e o escritor venezuelano Rufino Blanco-Fombona (1874-1944), ambos canonizados pela revista. A geração desses escritores, no início do século XX, formava uma “espécie de colônia literária em Paris” – o que Brito Broca chamou de “doentes do mal europeu, não podiam viver longe de Paris” -, editando revistas em castelhano, conseguindo ter algumas obras traduzidas para o francês e se aproximando, sobretudo, dos simbolistas nos tradicionais cafés do *Quartier Latin*. O crítico literário chamou a atenção para o fato de que esses escritores poderiam ser comparados às personagens do romance *Los Transplantados* (1904), do chileno Alberto Blest Gana (1830-1920), ou de *Hombres en Soledad* (1938), do escritor argentino Manuel Gálvez (1882-1962)⁹.

Na *América Brasileira*, o editor tentava harmonizar o refinamento estético de Rubén Darío com o ufanismo de um visionário e idealista, como o escritor Rufino Blanco-Fombona. No ensaio *Suave e Austero* (1925), Elysis de Carvalho traçou o perfil desse escritor.

“Don Rufino Blanco-Fombona não é só uma curiosa figura da literatura venezuelana. Publicista emérito, crítico arguto, historiador sempre bem informado, romancista cheio de seduções e poeta muito estimável, é um dos mais considerados escritores contemporâneos de língua espanhola. Dotado de forte capacidade de trabalho e de rara independência mental, a versatilidade das suas aptidões, a originalidade de seus conceitos, a perspicácia de seu engenho, a universalidade de suas idéias, a sua sagaz penetração psicológica e o profundo sentimento da vida fizeram dele um dos promovedores do movimento de emancipação intelectual da América Espanhola.[...] Altivo e sonhador, indisciplinado, inimigo das fórmulas acadêmicas, político de idéias radicais, panfletário terrível e às vezes cruel, cantor das tristezas humanas e dos amores infelizes, amante fervoroso da beleza e da vida, tal qual ela se apresenta, natureza rica de prodígio e de fatalidade, a sua obra reflete a sua alma inquieta, passional, sarcástica, vibrante, indômita, tumultuosa, batalhadora e contraditória muitas vezes. Nele surgem todos os atavismos, todas as aspirações e todos os propósitos do espírito peninsular modificado pelo cálido céu americano. Correndo-lhe nas artérias o sangue ardente dos conquistadores épicos da Espanha, a sua existência tem sido uma das mais acidentadas de quantas conhecemos, e lembra esses capitães destemidos, do século XV ou

XVI, de quem dizia Cervantes serem “sus leys su espada, sus fueros sus bríos”. O próprio Fombona reconheceu o traço íntimo de sua personalidade quando diz: “Yo tengo el alma antigua de los conquistadores”.¹⁰

O autor desse perfil tratou de deslindar as principais características da complexa obra de Blanco-Fombona, que aponta para o completo desprezo do classicismo literário, o espírito de rebeldia, o intenso interesse pelas lutas políticas e conflitos sociais, o acendrado amor à terra americana e o culto dos homens representativos da América Espanhola¹¹.

Rufino Blanco-Fombona não era só um homem de pensamento mas, de ação, o que o levou à vida pública. Entre os cargos públicos que ocupou, esteve o de governador do território do Amazonas, na Venezuela, encravado na floresta tropical, era uma das regiões mais desabitadas na época. A viagem que fez até Ciudad Bolívar foi épica, com aventuras dignas de figurar nos romances da literatura hispano-americana, como *Doña Bárbara* (1929) do seu conterrâneo Rómulo Gallegos (1884-1969). Para Blanco-Fombona, “Un fragmento de América tan crudo en pleno siglo XX como la América de los conquistadores”. De acordo com Brito Broca:

“O cargo nada tinha de uma sinecura ou de simples honraria. Os governadores do território morriam, geralmente, assassinados. Bem trágico fora ainda o destino do último. Pouco importava. Fombona vibrava da volúpia do vivere perigosamente. Nada mais belo do que servir a pátria numa empresa assim arriscada. A sedução da aventura! Dom Quixote e Bolívar falavam dentro dele.”¹²

Os romances de Rufino Blanco-Fombona são acentuadamente venezuelanos, como *El hombre de hierro* (1907), escrito na prisão de Ciudad Bolívar, que pode ser considerado um romance psicológico e de costumes,

“uma pintura impressionante de Caracas e da sociedade caraquenha, com seus caudilhos, seus exploradores e seus intrigantes, executada com tão grande poder sugestivo que levou Max Nordau a escrever que as cenas e os homens que aí desfilam foram vistos com olhos balzaquianos, e que Fombona, cruel, frio e sardônico, é um poderoso escultor de figuras humanas.”¹³

El hombre de oro (1915) pode ser considerado uma *novela criolla*, que consiste numa tremenda sátira política e social contra o governo e as classes dirigentes da Venezuela, que aparece em suas páginas como o tipo representativo de algumas repúblicas sul-americanas.

“Fiel a este critério, Fombona nos oferece um quadro, se não fiel, pelo menos impressionante da vida de Caracas. Ninguém é mais severo quando se trata de revelar ou estigmatizar a barbaria, a incultura, a ignorância, os escândalos e as misérias morais, a luxúria, a usura e a vaidade mestiças, a desorganização e os vícios inveterados de muitas das repúblicas da América do Sul, mas nenhum outro escritor é mais entusiasta em louvar as glórias do Novo Mundo e mais zeloso de sua divulgação na velha Europa. Fombona tem o culto dos homens representativos da América Espanhola, e este culto abrange os escritores e principalmente os construtores da nacionalidade.”¹⁴

Fombona pode ser visto como um escritor de múltiplas faces. Sua obra abrange vários gêneros literários, como poesia, ensaio, história, romance e crônica. Como historiador, deixou uma biografia bolivariana, em que aparece a correspondência do líder revolucionário, e ainda, como ensaísta, deixou *El conquistador español del siglo XVI*. Pela análise de Bela Josef, “sofreu mais na palavra que na intenção poética a influência rubendariana” e, como crítico, “acreditava no americanismo literário e exaltou o elemento autóctone”¹⁵.

Nas páginas da *América Brasileira*, Blanco-Fombona publicou *Las relaciones literarias entre España y América* (nº 18, jun. 1923), no qual chamou a atenção para o desconhecimento ou a falta de reciprocidade que os espanhóis tinham pela vida literária nas Américas. O escritor venezuelano, então, perguntava:

“¿Existe hoy en España con respecto a nosotros una superioridad tan excelsa que justifique el desvío? ¿No tienen los escritores de España nada que estudiar en nosotros? Una raza como la iberica – quiere decirse española de toda la Península, incluso Portugal, - transplantada a los montes, los rios, los llanos más conspicuos del planeta, y cruzada con aborígenes y con multitudes de otros continentes, ¿no ha producido en América ningún destello de espíritu, ninguna modalidad, ningún matiz que despierte la curiosidad o que merezca el estudio de nuestros hermanos de la Península? ¿ No valen nada los hombres que timbran nuestro orgullo: Hostos [Eugenio Maria de Hostos (1839-1903), portorriqueño], Varona (Enrique José Varona (1849-1933), cubano), Alberdi (Juan Bautista Alberdi (1810-1884), argentino), el brasileño Elysio de Carvalho, Vaz Ferreira (Maria Eugenia Vaz Ferreira (1875-1924), uruguayo), Carlos Arturo Torres ((1867-1911), colombiano), Juan Vicente Gonzalez ((1810-1866), venezolano), Jesús Semprún ((1882-1931), venezolano), José Vasconcellos ((1881-1959), mexicano), José Martí (1853-1895), cubano)? En vez de amodorrarse en la exclusiva lectura de los

clásicos del siglo XVII, y sin más ventana al mundo sino la que se abre sobre un balcón de rocas por donde la hubieron mala los paladines de Carlos Magno, ¿ no seria de provecho, por lo menos para algún curioso con don de pluma y de lengua, observar la diferencia entre el espíritu español y el espíritu americano, entre las formas preferidas de una y otra literaturas, y los distintos matices de sentimiento y de pensamiento que al través de la común lengua se descubren.”

Essa pregação resultou na divulgação da produção literária ibero-americana, através da Editorial América de Madrid, da qual o escritor foi diretor e proprietário – o que pode ser constatado na propaganda dessa casa-editora publicada no número 24 da *América Brasileira*, em dezembro de 1923. Também chamou a atenção para a Ibéria e a sua tradição centrada nos séculos de ouro, daí a força da figura de Dom Quixote que impregna a alma da Espanha e é um mito da cultura ocidental¹⁶.

A predileção de Elysio de Carvalho pela divulgação da produção literária dos países da América Espanhola pode ser constatada no livro *Príncipes del Espíritu Americano*, coletânea de três estudos publicada em 1923, pela Editorial América de Madrid, bem como na composição da *Biblioteca de Autores Célebres*, traduzida para o espanhol por César Comet, autor do prólogo. Essa coleção publicou obras de outros autores brasileiros, como Machado de Assis, José Veríssimo e Oliveira Lima, com o objetivo de divulgar em língua espanhola, “trabalhos significativos em todo o mundo”.

O prólogo de César Comet foi publicado na íntegra pela revista, com o título *A irradiação da obra literária de Elysio de Carvalho* (nº 20, ago. 1923), um alentado estudo sobre o autor do livro e as diversas fases da sua vasta produção literária. Comet mostrou a escassez de estudos sobre a literatura americana – sobretudo a brasileira – em que pontificavam Rubén Darío, Amado Nervo, José Enrique Rodó, José Ingenieros e Vargas Villa. Para o tradutor, a Espanha vivia uma estagnação da literatura graças à “reserva de certos espíritos retrógrados e rígidos”, que não reconheciam a importância de figuras da própria nacionalidade, entre os quais destacou a geração de 1898, com Miguel de Unamuno, Pio Baroja, Ramón María del Valle-Inclán, Antonio Machado, Azorin (cognome de José Martínez Ruiz) e Maeztu, que desfrutavam de mais prestígio fora da Península Ibérica, inclusive nas Américas.

Depois, de elogiar a jovialidade e a combatividade de Elysio de Carvalho no campo cultural brasileiro, Comet transcreve opiniões de José Veríssimo, Rubén Darío e Carlos Malheiro Dias sobre a personalidade e a obra desse escritor. E conclui com a seguinte advertência:

“Só podemos conseguir o conhecimento completo de um escritor assimilando-se todas as suas obras. Para conhecer inteiramente a Elysio de Carvalho torna-se preciso estudá-lo detidamente em todos os seus aspectos. E já que não logramos consegui-lo no

presente caso, ao menos sirva de compensação – para aqueles que o necessitem – a obra como síntese se lhes oferece.”

Passados mais de oitenta anos da preleção, a obra desse escritor brasileiro continua desconhecida até de parcela significativa da intelectualidade brasileira: as edições dos seus livros estão esgotadas e não constam dos catálogos das casas-editoras, bem como poucos estudos acadêmicos lhe são dedicados.

O livro *Príncipes del Espíritu Americano* compõe-se de três ensaios: Rubén Darío, príncipe dos poetas de língua castelhana; Graça Aranha, príncipe da literatura brasileira e Don Rufino Blanco-Fombona, príncipe do espírito americano. Os ensaios tinham como objetivo a definição de três grandes forças da literatura do continente, procurando sintetizar o caráter de sua pujante mentalidade. O boxe que compõe o artigo de Comet destaca “as figuras fulgurantes que Elysio de Carvalho fixou, com mão segura e traço poderoso, são bem símbolos augustos da latinidade na América e os seus admiráveis ensaios servirão por igual para atestar o fulgor de nossas letras e da nossa cultura”.

O ano de 1912 marca o encontro definitivo de Rubén Darío com Elysio de Carvalho, quando aquele veio, pela segunda vez, ao Rio de Janeiro, hospedando-se no Hotel Santa Teresa, no bairro do mesmo nome; já havia estado no país como delegado da Nicarágua na Terceira Conferência Internacional de Estados Americanos, em 1906.

Darío foi um poeta que revolucionou a literatura hispano-americana, por isso a atenção a ele dispensada pela intelectualidade brasileira, tão sequiosa por novidades. Assim Elysio de Carvalho descreveu suas impressões sobre o poeta:

“(...) vestido com uma impecável correção britânica, taciturno, numa atitude impassível e extática, embebido no próprio pensamento, o rosto fundamente contraído num ríctus de consternação, as mãos apoiadas sobre a mesa onde se achavam, entre outras brochuras, um livro de Gourmont, Pages Choisies de Gobineau e De Profundis de Oscar Wilde, encarando soturnamente o panorama que se desenrolava diante dos olhos de asiático, numa atmosfera azul, diáfana e etérea. (...) De fato, misto de anjo e de sátiro, o poeta atravessa a vida como um sonâmbulo, vivendo ora mergulhado nos abismos da sombra, ora num mundo de claridades, as suas visões, os seus símbolos e os seus ritmos nascendo das alternativas de coragem e de quebranto de sua alma. Darío é um autocontemplativo que vive exclusivamente de seus pensamentos e de seus sonhos.”¹⁷

Também não escapou ao observador atento o ambiente do hotel que o cercava; como um poeta nefelibata, descreveu em *Five o'clock*:

“(...) espero com natural ansiedade, gozando e sorvendo voluptuosamente o aroma que vinha das magnólias e dos jasmineiros em flor, o momento para ver como cantou a sua musa esta terra prodigiosa, e antegozo a beleza de seus novos poemas. Lê em primeiro lugar o longo poema *El Águila*, um soneto sobre um tema metafísico.”¹⁸

Antonio Arnoni Prado destaca a influência de Rubén Darío (que saudara o grupo da *América Brasileira* como “o paladino da revolução intelectual da juventude brasileira”), traz o requinte das imagens que o jornalismo e a crônica de Elysio de Carvalho e João do Rio levariam para os salões da metrópole, embebidos do maneirismo de Oscar Wilde (1856-1900) e Gabrielle D’Annunzio (1863-1938), da licenciosidade de Jean Lorrain – pseudônimo de Paul Duval (1855-1906) – e do pessimismo de Max Nordau (1849-1923). Todos eles ecos esparsos da civilização tantas vezes lembrada pela geração dos literatos grã-finos que, a crer no depoimento de Luís Edmundo, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, acercaram-se temporariamente do generoso mecenato que Elysio de Carvalho lhes ofertava na então capital da República¹⁹.

Entre os nomes das letras, história e política dos vizinhos de língua espanhola que desfilaram pelas páginas da *América Brasileira*, poder-se-ia destacar os comentários de e sobre o jurista, escritor, historiador, deputado, diplomata, jornalista, estancieiro e professor de Direito na Universidade de Buenos Aires, Estanislao Severo Zeballos (1854-1923). Zeballos ocupou o ministério de *Relaciones Exteriores y Culto* da República Argentina em três períodos distintos – nas administrações de Juárez Célman, de 10 de setembro de 1889 a 14 de abril de 1890; de Carlos Pellegrini, no período de 22 de outubro de 1891 a 12 de outubro de 1892; e de Figueroa Alcorta, de 21 de novembro de 1906 a 22 de junho de 1908 –, tendo sido um feroz opositor da política do Barão do Rio Branco. Além da posição de prestígio, utilizou amplamente a imprensa portenha para divulgar suas idéias, notadamente os periódicos *La Prensa*, em que foi editor, *El Nacional*, do qual foi fundador, *La Razón*, *El Sarmiento* e na *Revista de Derecho, Historia y Letras* (1898-1923), da qual foi fundador e editor.

De Estanislao Severo Zeballos encontra-se na *América Brasileira* um artigo intitulado *Mulheres notáveis na América do Sul* (nº 4, mar.1922), transcrito da *Revista de Derecho, História y Letras*; nele, ressaltou a figura de Flora Cavalcanti de Albuquerque de Oliveira Lima, casada com o historiador e diplomata Manoel de Oliveira Lima. Citou a nobiliarquia pernambucana, à qual pertencia Dona Flora e a força da tradição na sociedade nordestina, teceu importantes considerações sobre o papel da mulher na sociedade, com o avanço dos direitos políticos, e reforçou preconceitos e estereótipos acerca da mulher, com severas críticas ao nascente feminismo. Para a homenageada, reservou o papel de “esposa de homem público”, como o de “mulheres colaboradoras e conselheiras” e “um destes belos modelos do horto moral e intelectual sul-americano”.

Além do texto *América Brasileira julgada pelo Senhor Zeballos* (nº 5, abr. 1922), e uma nota – *Toujours lui* – e o artigo *O Doutor Zeballos*, de Sargento Albuquerque (pseudônimo de algum escritor) (nº 8, jul. 1922), teceram severas críticas à postura defendida por Estanislao Zeballos, de que o Brasil desenvolvia uma política armamentista com objetivos imperialistas ou expansionistas para resolver o caso da Ilha de Martín García, o que levava a uma atitude de desconfiança quanto à Argentina.

Os articulistas da *América Brasileira* citaram o artigo de Zeballos, *Alma Argentina*, publicado no diário *La Prensa*, de Buenos Aires, em que discorreu sobre o movimento que se difundiu na Argentina contra o Brasil, o qual descreveu “como um atestado eloqüente do grau de cultura cívica e de civilização política a que havia chegado o país”.

A *América Brasileira* tentou, também, mostrar que o Brasil era um país pacífico e que a diplomacia do país vizinho denotava a “inimizade argentina”: criticou severamente Zeballos, “sempre maquiavélico e impertinente, espalhando pelas colunas de seu jornal receios, desconfianças e insídias, visando o mesmo propósito de envolver a política continental do Brasil num ambiente de antipatias e infundadas prevenções”.

O que os articulistas da *América Brasileira* não esclareceram foi a existência de uma secular rivalidade entre o Brasil e a Argentina, reforçada com a política do Barão do Rio Branco de demarcação das fronteiras territoriais – daí a atitude hostil de Zeballos, utilizando vários órgãos da imprensa platina para dar visibilidade às mazelas da política externa do país vizinho. No *El Sarmiento*, apontou

*“a histórica tradição do Itamaraty em atacar a Argentina desde a época do Visconde do Rio Branco, o inventor da teoria que a Argentina tentava reconstruir o antigo Vice-Reinado do Prata e que o Brasil seria o encarregado de garantir a soberania dos pequenos Estados do Prata ameaçados por esta ambição.”*²⁰

Reside aqui um ponto de inflexão: a *América Brasileira* consagrou algumas personalidades do mundo ibérico; da América Espanhola, Rubén Darío e Rufino Blanco-Fombona; da Espanha, Don Juan Valera, Ramón Gómez de La Serna e Azorin; do Brasil, além de Elycio de Carvalho, Graça Aranha e Ronald de Carvalho, protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922. Com relação aos autores espanhóis, a revista, a partir de janeiro de 1924, publicou *O momento literário de Espanha*, com destaque para Don Juan Valera (1824-1905), Ramón Gómez de La Serna (1888-1963) e Azorin (1873-1967). Convém ressaltar que há diferença de pelo menos uma geração entre Don Juan Valera e os dois últimos, que pertenceram à geração de 1898. O que moveu o editor a escolher esses escritores parece estar no modo como lidavam com o iberismo, ou com a tradição ibérica.

Elysio de Carvalho reverenciou Don Juan Valera com um ensaio, no qual mostrou a filiação literária desse escritor.

“Renova e mantém a tradição intelectual de Garcilaso, Luís de Granada e Luís de Leon, comunicando maior flexidez, relevo e sonoridade à língua e emprestando ao misticismo toques de malícia, essência esquisita, fina voluptuosidade e acentos mais humanos. (...) Em suma, Pepita Jiménez (1874), com ser o símbolo da idealidade castelhana, é bem o resumo da estética valeriana e modelo perdurável da arte da escrita. Na verdade, D. Juan Valera é genuína representação de gênio castelhano, da “Espanha castelhana castiça”, como diria Unamuno. A sua obra não é apenas resultado da joalheria literária, colorida pela sensibilidade ou adornada por uma requintada cultura humanista. Se recebeu de Platão a luz da consciência e aformoseou o entendimento com as galas florentinas da Renascença, nunca renegou a grande árvore ancestral, tem raízes no subconsciente étnico, raízes infinitas em número e qualidade, é integralmente espanhola. Tão harmônica é a correspondência entre a fantasia do artista e a alma da raça, que o soberbo imprevisto constitui caso singularíssimo no seu tempo, e, criticamente, é quase impossível elucidar. Por ser o mais clássico dos espanhóis, em todos os sentidos, dentro como fora da arte ...”²¹

A interessante personalidade de Valera e a sua obra literária despertaram o interesse do editor da revista, além do fato de ter vivido no Brasil, na condição de diplomata, entre 1851 a 1853, e de conhecer a poesia brasileira, que consta do tomo XIX das suas obras completas, *De la poesia del Brasil*. Sua concepção do iberismo contemplava, também, uma aproximação entre Portugal e Espanha – as culturas de língua castelhana e portuguesa eram “*dos ramos de un próprio tronco*”, e, nesse tronco de origens comuns, a cultura brasileira viria representar um rebento novo e vigoroso do velho ramo português. Ao que parece, Valera iniciou e encerrou sua vida de escritor inspirado pela presença ibérica no continente americano; o que ele via com reservas era a imprecisa designação de “América Latina como *ahora se dice*”²².

Já a geração de 1898 se defrontou com a “questão Espanha”, que era reviver uma “Espanha eterna: o retorno ao túmulo de Cid e a figura de Don Quixote”. Unamuno e Valle-Inclán lideraram a idéia de um retorno à Espanha original e permanente, recriando o mito inefável da *hispanidad*, enquanto outros se lançaram à tentativa de atualização e adaptação das tradições. A análise de Rubem Barboza Filho, mostrou que:

“Em qualquer dos casos, a trajetória espanhola e ibérica, sobretudo dos séculos de ouro, será esquadrihada e recuperada como fonte de valores para uma nação desafiada pelo tipo de evolução em curso na Europa. Tradição transformada em mito, em drama totalizante e produtor de significados, embora fugidivo e coberto de sombras, acenando a promessa de um todo e uma verdade que nunca se revelam inteiramente.”²³

Assim, a ênfase que a revista *América Brasileira* deu às duas figuras de proa da geração de 1898, Azorin e Gómez de la Serna, deve-se à busca pelo iberismo na formação americana, que pode ser corroborada em dois artigos-chave da revista: *A alma da Espanha* [nº 21, set. 1923], do escritor português José Osório de Oliveira e *O libello nativista contra os portugueses* (nº 8, jul.1922), de Elysio de Carvalho. Os dois artigos não pouparam esforços para argumentar o quanto a *América Brasileira* era tributária da tradição ibérica, entretanto, o escritor português mostrou que havia diferenças na formação dos países constitutivos da Península Ibérica, Portugal e Espanha. Uma das características apontadas foi o misticismo, que na Espanha de Castela aparecia na literatura, na história e na arte como trágico, e em Portugal como elegíaco, manifestado no messianismo régio. Outra característica era o “temperamento poético” dos portugueses que, embora tivessem produzido a maior epopéia do mundo – *Os Lusíadas* – os caracterizava como líricos, exemplificando com Olavo Bilac, considerado “o maior poeta do Brasil e um dos maiores de Portugal”. Seria, ainda, o espanhol melhor na prosa que na poesia, principalmente na lírica, com exceção de Rubén Darío, talvez “o único poeta da Espanha e o maior da América Espanhola”²⁴.

Convém assinalar que, apesar da tarefa hercúlea da geração de 1898, que vivenciou a “questão Espanha”, o país vivia uma decadência estética e política. Um analista aponta que foram “instigados pelo aguilhão modernista de um americano, Rubén Darío. O modernismo chega à Espanha pela América, percurso pouco surpreendente dada à mediocridade estética e literária da época da restauração”²⁵.

Quanto à figura de Gómez de la Serna, o escritor viveu em Buenos Aires como exilado da ditadura franquista, no período de 1936 até sua morte, em 1963. Antes de sua mudança para a América do Sul, desempenhou um importante papel como elo de ligação entre as vanguardas européias e os movimentos modernos que eclodiam na capital portenha, como o grupo da revista *Martín Fierro* (1924-1927), especialmente com o escritor e poeta Oliverio Girondo (1891-1967)²⁶. A *América Brasileira* em suas *Notas & Comentários*, chamou a atenção para as visões modernistas de Gómez de la Serna e publicou o seu artigo *Os velhos mananciaes*, no qual o autor mostrou o propósito da literatura espanhola “de se reintegrar na tradição da água manancial e peninsular”, a que chamou “a tradição da água”.

A produção literária desse escritor esteve centrada na busca por um mito de origem, principalmente na novela *El secreto del acueducto* (1922), em que procura a “essência de Castela” ou a “alma de Espanha”. Daí a importância do artigo em que evoca a força da tradição na formação ibérica.

“Oculto na alma sensível de um paiz, como circulação de seu sangue e de sua seiva, vive a água é algo como a sua inspiração límpida e genuína. Encontrar novamente essa inspiração insuflada na terra e com caracteres ethnicos que se refletem nas cousas mais esperadas, é o que faz com que os modernos escriptores sejam meditativos e propendam para o enlace e comunhão com aqueles que ainda não deram nada, mas nos quaes está a única tendência prepotente e verdadeira. A nossa velha cidade moura, em Granada, os hortos mais férteis, e nos quais o jardim é espontâneo, são aqueles que se irrigam com água dos velhos canaes, veia prolífica que busca a conducção antiga – a armação de velhos ladrilhos sustentados em abobadilha por concreto secular. (...) Bebe-se liberdade nas páginas dos escriptores novos e beber-se-ia com mais fé se toda a água fosse a dos antigos canaes, refinada, destilada, infundida pela liberdade moderníssima, essa liberdade universal que – deve-se confessar – em meio de um desengano político fatal, só se depura e floresce na literatura.”

Quanto ao espaço que a revista dedicou a Ronald de Carvalho (1894-1935) e a Graça Aranha (1868-1931), deve-se ao empenho do editor em destacar dois egressos das hostes modernistas de 1922: ambos diplomatas, que propendiam para o cosmopolitismo tão ao gosto da intelectualidade brasileira e mantiveram contatos com as vanguardas européias que pontificavam antes da Primeira Guerra Mundial.

Apesar dos dois epígonos do grupo modernista do Rio serem de diferentes gerações, eram reconhecidos pela Academia Brasileira de Letras, já que Graça Aranha pertencia aos seus quadros e Ronald de Carvalho fora premiado por *Poemas e Sonetos* (1919).

Graça Aranha era um escritor consagrado por conta de *Canaã* (1902), e seu último livro *A Estética da Vida* (1921), começava a repercutir profundamente no meio intelectual brasileiro. Isso levou Elycio de Carvalho a escrever vários artigos reverenciando o escritor, como *Graça Aranha – mestre da vida*, *A concepção estética do mestre da vida*, *Graça Aranha e a metaphysica brasileira*, *O banquete a Graça Aranha* e *Graça Aranha e o verdadeiro nacionalismo*.

A concepção de Graça Aranha sobre a *Metafísica Brasileira* é “um retrato diagnóstico do caso brasileiro e a sua terapêutica do Brasil”. Para um analista do modernismo brasileiro:

“Os instrumentos utilizados na feitura desse retrato são os que lhe são fornecidos pela ótica geral da obra. A intuição sentimental da realidade, e não a reflexão a respeito dos fragmentos de que se compõe, que seria o caminho da ciência, é o que permite a Graça Aranha apreender a nacionalidade brasileira. Esta nacionalidade captada de forma intuitiva, como o será também as vertentes oswaldiana e verde-amarelista do modernismo, ou no “Retrato do Brasil” de Paulo Prado, se define através dos traços psicológicos coletivos que constituem a alma brasileira. A nacionalidade ou a alma da raça, que não pode ser explicada mas intuída através de uma espécie de psicologia coletiva, é o que interessa a Graça Aranha nesta sua ‘Metafísica Brasileira’.”²⁷

Em suma, Graça Aranha constatou em *A Estética da Vida* algumas características que permearam a história cultural brasileira, como a “falta de integração da arte com a realidade brasileira”, que foi interpretada como “sintoma de um desenraizamento”. Além da impossibilidade de “fazer cultura independente das raízes nacionais”, o que denotava “um artificialismo”; por isso, propôs “enraizar a cultura na terra”, ou seja, não esquecer “a epopéia dos elementos bárbaros que foram num primeiro momentos renegados”. Aqui, vislumbra-se o caminho trilhado por alguns modernistas, como no *Manifesto Antropófago* (1928), de Oswald de Andrade²⁸.

Ronald de Carvalho buscou inspiração em *A Estética da Vida* para apontar que os princípios para a ação podiam estar na Filosofia, na Religião, na Arte e no Amor, que constituiriam “uma regra de ação para o conhecimento do mundo”. André Botelho, ao analisar a trajetória de Ronald de Carvalho, destacou que “a vocação dos intelectuais brasileiros para a ação implica não apenas na continuidade do caráter prático-moral do papel social desses atores segundo uma suposta tradição luso-brasileira, como também sua atualização face aos desafios próprios do contexto dos anos 1920-1930”. Mostra ainda, em sua análise, que a interpretação do modernista carioca no plano das idéias pode ser “compreendida como uma reação idealista às explicações consideradas deterministas do naturalismo, evolucionismo, positivismo e materialismo dominantes desde as últimas décadas do século XIX, ela representa no plano político, um ataque a certos valores liberais fundamentais associados a essas perspectivas”²⁹. Aí está a matriz do seu pensamento conservador e a baliza do seu nacionalismo, que se aproximava de Alberto Torres. Tal qual Elysio de Carvalho, que pertenceu à “geração que Alberto Torres sonhou”³⁰.

A América Brasileira em várias edições deu destaque à “missão intelectual” de Ronald de Carvalho ao México, como no número 15, de março de 1923, na secção *Notas & Comentários*, em que comentou o

convite do governo mexicano ao modernista carioca para proferir conferências. Além de dois artigos emblemáticos: um que remete às impressões de viagem de Ronald de Carvalho ao México pós-revolucionário, e outro, a reprodução de uma conferência realizada na Universidade do México pelo diplomata e escritor.

O primeiro, *México, paiz de belleza* (nº 22, out.1923) repercutiu a estadia do escritor naquele país, acentuando o “desconhecimento que revelam do nosso paiz, das nossas cousas e dos nossos homens” e apontando para o “nosso insulamento no continente latino-americano”. As livrarias no México não possuíam qualquer obra científica ou literária do Brasil, somente por informações as pessoas sabiam da existência de Olavo Bilac, do qual se traduziram alguns sonetos, de Machado de Assis, através de dois ou três contos e de Graça Aranha, por Canaã. Mesmo assim, os mexicanos mostravam-se interessados e acompanharam o curso ministrado por Ronald de Carvalho na Universidade Nacional, sobre a história da formação e da cultura do Brasil.

Para o escritor, a missão mexicana que veio ao Brasil por ocasião do Centenário da Independência em 1922, chefiada pelo ministro da Educação José Vasconcellos, contribuiu para melhorar “esse estado de cousas”, ou seja, a propaganda do Brasil através da divulgação de sua literatura. O México aparecia como exemplo a ser seguido, porque vivia um “renascimento intelectual” – o governo de Álvaro Obregón integrara os intelectuais na tarefa de modernização do país, após uma década de revolução – do qual o autor exaltou o modelo de organização da universidade, a pintura e outras obras de arte em prédios públicos, com Diego Rivera – o que se convencionou chamar de muralismo –, a política dos museus nacionais, a política de preservação do patrimônio cultural, histórico e artístico, além de assinalar a diversidade, presente nos estilos artísticos como o plateresco e o churrigueresco, a exuberância e a originalidade da arte popular, como as cerâmicas de Guadalajara e Oaxaca, as talaveras de Puebla e do Vale do México. Ronald de Carvalho concluiu o texto com a seguinte observação sobre os artesãos:

“E esses homens que depois de tal extremado labor, inventam as mais bellas imagens da poesia rústica, são os mesmos que, num súbito arremesso trocam o buril pela espada e saltam para o lombo nu dos cavalos afim de defender a pátria imensa. A raça é, portanto, digna do paiz. Silenciosa como as suas montanhas, que, por vezes, abrem os píncaros em crateras scintillantes.”

A *América Brasileira* também publicou *A Psyché Brasileira: Conferência realizada na Universidade do México* (nº 20, ago. 1923); as idéias desenvolvidas nessa conferência foram preparatórias para o artigo que Ronald de Carvalho publicou posteriormente na revista *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento* (v. 2, nº 5, mai. 1924. p. 180-189)³¹, no qual

é tributário da tese de Martius sobre as três raças formadoras da nacionalidade. Mas, o autor vai além da mestiçagem entre o português, o índio e o africano que forma a particularidade da feição nacional brasileira; para ele, era necessário penetrar nas suas distintas “psicologias” – da qual emana “a energia portuguesa”, “a imaginação selvagem” e “a sensibilidade africana” – essas sim a matéria-prima da nacionalidade brasileira, daí decorreria o caráter brasileiro, ou o “tipo do brasileiro histórico”³².

Ao descrever a “alma brasileira”, que seria composta de três “grandes melancolias”, mostrou a nossa herança cultural como a “saudade” do português, que “é filha do mar desconhecido e das batalhas tumultuosas”, o “terror cósmico” do indígena misturado “com o animismo inconsciente do nosso selvagem, perde a saudade um pouco da sua pura melancolia humana, transformando-se em um tormento vago e indefinido, nesse tormento proveniente da natureza desmedida e inexplicável que nos rodeia”, a “sensibilidade do africano que nas curtas fábulas de proveito e escarmento se resume, principalmente, o acervo dos contos de origem africana, correntes no Brasil. O talento do negro, nesse particular, corre parêlo com o do gentio. Os pretos fazem, também, a apologia da ladinice e da velhacaria”. E exemplificou com o apólogo da onça e do gato, como “prudente lição de sabedoria”.

Nessa conferência, Ronald de Carvalho procurou, com erudição e com exemplos da literatura do romantismo – *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias –, dos contos e das lendas provenientes da tradição oral que povoaram de personagens a cultura brasileira – como o Sacy Pererê, a Caipora, o Curupira, a Yara –, defender a tese de que o homem brasileiro, pelo cruzamento das três raças, vivia num “clima de melancolia”, ou que “herdamos uma voz melancólica”.

O escritor se aproximou do ensaio sobre a tristeza brasileira, que estaria em *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado, e na *Raza Cósmica* (1948), de José Vasconcellos. Talvez, a diferença entre as propostas de Ronald de Carvalho e de Paulo Prado tenha sido o tom que norteou a construção dos seus discursos. Enquanto o primeiro permaneceu otimista e acreditava na superação da melancolia, o segundo permaneceu apreensivo, pessimista e melancólico quanto ao futuro do país.

Quanto às idéias compartilhadas por Ronald de Carvalho e José Vasconcellos sobre a “raça cósmica”, ambos estavam preocupados em marcar a especificidade da cultura americana e, por outro lado, inseri-la na história universal³³. No afã do redescobrimento da América, transparece o escritor modernista, cujo mote está no poema *Xochimilco ou O Epigrama da Índia Exilada*, que compõe a obra *Toda a América* (1926), na qual a poesia é um eco da viagem de 1923 ao México: “Olhei-me nas tuas águas/Xochimilco,/que águas poderão agora refletir-me?”.

Chama a atenção um artigo do jornalista, crítico literário, historiador, filólogo, ficcionista, folclorista e professor do Colégio Pedro II João Ribeiro (1860-1934), intitulado *Latino-Americanos* (nº 5, abr.1922),

que conclamou o editor a inovar na divulgação dos valores literários do continente, com o argentino Evar Mendez (pseudônimo de Evaristo González) (1888-1955), o peruano José Santos Chocano (1875-1934) e o mexicano Amado Nervo (1870-1919). Sob a forma epistolar, de uma carta-aberta, o escritor ressaltou uma frase corrente no Brasil “voltados para a Europa, damos as costas à vizinhança ignorada”, mas fez do seu artigo uma profissão de fé latino-americana. Foi um latino-americanista *avant la lettre*, defendendo posições que só tomariam vulto nas décadas de setenta e oitenta do século vinte.

No afã de defender a renovação da literatura hispano-americana, João Ribeiro assim se expressou:

“Sou, como você sabe, um curioso que tenho a avidez de conhecer o movimento intelectual da América. Não tenho o pessimismo daquela crítica, também continental, que afirmou “a tremenda inferioridade do espírito americano”. Há excesso nesta terrível sentença. Os americanos gostam de realizar cousas práticas, de enriquecer, conquistar, ganhar e vencer na vida pelo êxito. Mas, é também a América uma terra de idealismo e sacrifício. A fase da conquista está a extinguir-se sine materie.

Se ainda, impera entre nós o gérmen do conquistador, também começam a soar as vozes dos vencidos, dos desafortunados e dos que não herdaram o materialismo do instinto. Sofremos e temos achado por vezes a expressão do sofrimento. É a alma nova que se anuncia. Filtrando essa brutalidade espessa e vulcânica, aparece o fio d’água, límpido e cristalino, que desaltera a sede dos heróis e põe-lhes na alma o encanto da poesia. É esse veio cristalino que todos nós quase ignoramos, ao passo que conhecemos os caudais da lama, as tremendas convulsões políticas, as bárbaras agitações dos interesses e dos egoísmos regionais.”

O que João Ribeiro propôs foi uma mudança nos cânones da literatura hispano-americana que, naquele momento, estava ligada à literatura produzida por Rubén Darío. Para Ribeiro, faltava uma literatura com “alma americana”, diferente da de Rubén Darío – “cosmopolita”, “europeizante”, “sempre lírico” –, “falta-lhe um pouco de americanismo, diluído nas incoerências cosmopolitas da sua psique”. Daí, a proposta de um Santos Chocano que era “o poeta da raça vencida que aperta a mão do vencedor. É o orgulho do inca aliado à avidez do colono. Ele timbra em cantar a sua Alma Americana – em oferenda à Espanha [...] Algo pré-colombiano, algo conquistador”. E compararia o “condoeirismo” de Santos Chocano com o de Castro Alves.

A obra de Santos Chocano procurou representar a “alma primitiva dos Andes e das Selvas”. Para uma analista: “Sua poesia é americana e não menos espanhola, épica igualmente lírica, e canta o passado

da América, o silêncio de suas selvas ou a música de seus rios” e “foi o primeiro a voltar-se para a paisagem do Peru, dando-lhe categoria poética”³⁴.

Quanto à obra de Amado Nervo, foi elaborada sobre o repertório do simbolismo com autenticidade, foi caudatário de Verlaine, Huysmans e Rimbaud, não foi versificador impecável, mas teve o sentimento da harmonia geral do poema e da estrofe. Seus temas procedem da experiência pessoal, torturado pela dúvida, numa primeira fase. Na outra, predominam a nota filosófica, refletindo o interesse pelas coisas sobrenaturais e por um sentimento religioso, englobando doutrinas orientais e cristãs³⁵.

João Ribeiro acentuou que a obra de Amado Nervo é a “própria alma do México”: “grande e convulso, agitado e inconstante como um mar que não achou ainda as suas praias”, porque aquele país tinha vivido uma década de Revolução (1910-1920). Mas, louvou a obra poética de Nervo; com Rubén Darío e Santos Chocano, eram “os três grandes poetas latinos da América”.

Nesse artigo de João Ribeiro, destaca-se o interesse pela obra poética de Evar Mendez, que publicou em 1910 um volume de versos, *Palacios de Ensueño*. Para o crítico brasileiro, “é um poeta modernizante, em cujos poemas o influxo da poesia francesa, de Baudelaire para cá, é assaz vivo e transparente. Rubén Darío parece ser também um dos mestres do modernismo de Evar Mendez”. Esse poeta e escritor foi um dos protagonistas da chamada vanguarda Argentina do início do século vinte, tendo sido, inclusive, diretor da revista *Martín Fierro*. Os *martinfierristas* exerceram um papel fundamental no processo da modernidade artística na Argentina e desfraldaram a bandeira do *criollismo* em prol da *argentinidad*, que consistia na busca por uma identidade nacional, especialmente na questão da língua³⁶.

A atitude inovadora de João Ribeiro vai ao encontro do seu entendimento da língua nacional brasileira que é coerente com a sua história do Brasil. O autor de *A Língua Nacional* (1921) reitera sua posição e argumenta contra os que imitam os modelos portugueses, fazendo da língua e da literatura brasileira mera extensão da moda européia. No seu compêndio de História do Brasil para o ensino secundário, introduz o mameluco como ator do povo brasileiro, daí o clamor por uma nova independência, uma língua genuinamente nacional, sem a imitação de lusitanismos. Isso levou um memorialista à seguinte evocação: “Já se disse que no seu modo de escrever, ele é quem nos libertou de Portugal. Foi assim um pré-modernista e daí sua simpatia pelo movimento. Era livre como Mário e Oswald de Andrade”³⁷.

O editor da *América Brasileira* não poupou esforços no sentido de dar visibilidade à literatura ibero-americana e às questões pertinentes ao campo cultural dos dois lados das Américas – a lusófona e a hispanófono -, e de criar as condições para que a sua revista se tornasse conhecida pelos vizinhos da América Brasileira – como se referia ao Brasil. Apesar dos seus 36 números, a revista chegou à vizinha Argentina, o que pode ser constatado na prestigiada *Nosotros*, que se ocupou de apresentar e difundir a

obra de alguns autores brasileiros, em especial Monteiro Lobato e de divulgar a *Revista do Brasil* e a *América Brasileira*, nas quais aparecem algumas produções literárias de Mário de Andrade, dentre outros importantes escritores³⁸.

O estudo da *América Brasileira* permite identificá-la como uma revista inovadora, com a proposta de integração das Américas pela via cultural, especialmente pelo conhecimento de autores, de livros, de dados econômicos e informações gerais que constavam da seção “Da América Espanhola”, como: A literatura cubana, As crianças indígenas no Chile, A safra de açúcar de Cuba, O problema das habitações na Argentina, As escolas centrais chilenas, Navegação para a Argentina, Tesouro artístico mexicano, entre outros assuntos.

Muito embora a década de 1920 aponte para uma eclosão de movimentos modernos na Ibero-América no campo da política e das artes – com a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922 e a publicação de *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928), de José Carlos Mariátegui, a realização em São Paulo da Semana de Arte Moderna de 1922, o surgimento de inúmeros periódicos culturais com linguagens modernas, como a *Martín Fierro* em Buenos Aires e a *Klaxon* em São Paulo –, a integração entre as vanguardas européias com escritores das Américas, bem como a ligação do ultraísmo espanhol com o grupo da Florida de Buenos Aires, significou uma mudança de atitude dos intelectuais face à atualização das linguagens e propiciou um maior conhecimento da produção cultural da região.

O contato de Mário de Andrade com a intelectualidade da região platina, especialmente os da capital portenha – discutido por Raúl Antelo em *Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos* e por Patrícia Artundo em *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão* – mostrou que a rede de sociabilidade intelectual formada pela troca de correspondências, pelas publicações de livros e revistas, pelas viagens, pela crítica literária e resenhas em periódicos e pela aquisição de obras de arte permitiu manter uma aproximação entre diversos interlocutores do campo cultural ibero-americano. A série que o escritor paulistano publicou no *Diário Nacional*, sob o título *Literatura Modernista Argentina*, demonstrou o interesse que alguns intelectuais nutriam pela produção literária dos países vizinhos³⁹.

Ao perscrutar os números da *América Brasileira*, o pesquisador se defronta com fluxos de intelectuais, de idéias, de movimentos e de linguagens entre o mundo cultural ibero-americano, as ex-metrópoles ibéricas – Portugal e Espanha – e, além-Pirineus, principalmente a França. A linha editorial da revista procurou integrar os países das Américas pela via cultural, especialmente pelo conhecimento sobre a literatura, apesar de o programa mostrar as especificidades do Brasil frente aos hispano-americanos, porque revelava “a singular posição que ocupamos entre as nações sul-americanas” e enfatizava que “estamos ligados aos nossos vizinhos apenas por laços geográficos e econômicos, criados pelas circunstâncias físicas desta porção do continente”. Mas, houve a ressalva

que “não é a mesma a nossa história, não é a mesma a raça que fundou, defendeu e assegurou o Brasil. As vozes da língua materna são outras, como são outros os hábitos observados no resto da América Latina”.

Lusófila, nacionalista, cosmopolita, anatoliana, francófila, latino-americanista, iberista ou defensora da latinidade na Ibero-América, são múltiplas as faces da *América Brasileira*. Entretanto, a tarefa dessa revista foi a de criar nos seus leitores o interesse pelos países de língua espanhola, especialmente pela produção literária da região. Daí o seu papel de diminuir as barreiras culturais entre esses países e de mostrar que o Brasil estava modificando o seu conceito de isolamento no subcontinente, como era voz corrente.

É possível identificar a forma como a linha editorial da revista encarava a coexistência do nacionalismo com o cosmopolitismo, da tradição com a modernidade, além de não poupar esforços para minimizar o impacto da posição periférica da sociedade brasileira em relação à produção do mercado de bens culturais. Elysio de Carvalho mantinha relação com a Editorial América de Madrid, sob a direção de Blanco-Fombona, e criou uma empresa editorial com a marca S. A. Monitor Mercantil – que chegou a ser uma *holding* de Boletins Comerciais e Financeiros diários, tanto quanto de Boletins de Estatística Comercial semanais e dos Gráficos Comerciais e Financeiros mensais e semanais, além de publicar a *América Brasileira* e algumas obras, entre elas o drama de Oscar Wilde, *Uma tragédia florentina* (1924), com uma moderna apresentação gráfica, ilustrações de Di Cavalcanti, tradução de Elysio de Carvalho e prefácio de Jorge Jobim.

A *América Brasileira* reflete muito da personalidade do seu diretor/editor e das muitas correntes estéticas a que se ele se filiou, nesse sentido, as interpretações às quais ficou sujeito, como a de ter sido um “falso vanguardista” com relação às correntes modernistas, como afirmou Antonio Arnoni Prado⁴⁰. O trecho de um discurso pronunciado por Ibrahim Nobre num banquete em homenagem a Elysio de Carvalho, publicado na íntegra na edição de março de 1922 da *América Brasileira*, dá a dimensão do perfil do escritor e da sua obra.

“Polycroma, polyforme, polyédrica, a obra de Elysio de Carvalho, traz com elegância todas as indumentárias do espírito. Veste-se bem. Poeta, traça ao ombro a capa romântica de Byron num gesto displicente de Baudelaire, e desperta com sutilezas de Fragonard, torturas de Zurbarán. Brummel com alma de Alcebiades, revive as intenções de Wilde.(...) Sociólogo, vai do Chuí ao Tumucumaque, sulcando fundo os vincos das fronteiras, vadeando almas, transpondo convenções e compreende que nesse prolongamento da Península mater, as raças mantém frêmitos atávicos, rascantes amarugens, eivas definitivas, que os séculos expõem, e a diplomacia não acautela. Historiador, desce a câmara escura do passado, e revela-nos a Pátria. [...] E no poeta, no soldado, no historiador, no pensador, no polígrafo, Elysio é sobretudo o brasileiro.”

Notas:

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e Doutora em História Cultural pelo PPGH/UFSC. Atualmente desenvolve pesquisa sob a perspectiva da história dos intelectuais, em duas vertentes: sobre Portinari e o mundo cultural ibero-americano e sobre revistas literárias.

e-mail: md.piazza@uol.com.br

¹ Elyσιο de Carvalho (1880-1925) considerado adepto de “modas literárias”, pertenceu ao grupo da revista “A Meridional”, que se aproximava do satanismo de Baudelaire; foi um dândi que pertenceu à “boemia dourada” da cidade do Rio de Janeiro. Publicou, em 1901, o manifesto naturista *Delenda Carthago*, no qual atribuía aos simbolistas um desvio negativo em relação às fontes diretas e livres da nossa cultura, entre as quais incluía a natureza, o povo e a pátria. Foi anarquista e leitor de Proudhon, Bakunin, Kropotkine, Mackay, Tucker e Réclus; participou da tentativa de fundação da Universidade Popular; foi wildiano ou leitor de Oscar Wilde e nietzchiniano ou leitor de Friederich Nietzsche. Entre suas obras, destacam-se *Príncipes del Espíritu Americano* (1923), *Os bastiões da nacionalidade* (1922), *Brava Gente, Brasil, Potência Mundial – Inquérito sobre a indústria siderúrgica* (1919), *Sherlock Holmes no Brasil: estudos sobre os crimes e os criminosos*, *La France Éternelle* (1922), *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira: ensaios* (1907), *Five o'clock* (1909), *Bárbaros e europeus: ensaios de filosofia* (1909), *Esplendor e decadência da sociedade brasileira: estudo sobre a sociedade brasileira desde os tempos coloniais até hoje* (1911), *Suave e austero* (1925), entre outros. Cf. BRITO BROCA, José. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ABL, 2004. p. 161-179.

² Cf.: NUNES, Cassiano. Elyσιο de Carvalho e o espírito do seu tempo. In: CARVALHO, Elyσιο. *Ensaio*. Brasília: Universa – UCB, 1997. p. 13-14. Sobre os projetos brasileiros de Elyσιο de Carvalho, ver: “Brasil, Potência Mundial”, “O Fator Geográfico na Política Brasileira” e “A Realidade Brasileira”. In: CARVALHO, op. cit., p. 185-222.

³ NUNES, op.cit., p. 13-41; CHACON, Vamireh. Elyσιο de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural. In: CARVALHO, op.cit. p. 43-86.

⁴ PRADO, Antonio Arnoni. Nacionalismo literario e cosmopolitismo. _____. In: *Trincheira, Palco e Letras*. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 33.

⁵ VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês – Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. p. 3-104.

⁶ Id., p. 33

⁷ Ibid., p. 34. Cf. especialmente, o capítulo “Brasil via Portugal”, p. 19-32. O escritor Almqvist Dinis (1880-1937), formado pela Escola do Recife, foi discípulo de Sílvio Romero e autor de *A perpétua metrópole* (1922).

⁸ LOPEZ, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 183.

⁹ BRITO BROCA, José. *Americanos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998. p. 62

¹⁰ CARVALHO, Elyσιο. Don Rufino Blanco-Fombona. In: _____, op. cit., p. 245-246.

¹¹ Id., p. 249.

¹² BRITO BROCA, op. cit., p. 64.

¹³ CARVALHO, op. cit., p. 250.

¹⁴ Ibid., p. 250-251.

¹⁵ JOZEF, Bella. *História da Literatura Hispano-Americana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Francisco Alves, 2005. p. 121-123.

¹⁶ BARBOZA FILHO, Rubem. O debate histórico sobre os séculos de ouro da Ibéria. In: _____. *Tradição e Artífício: Iberismo e Barroco na Formação Americana*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2000. p. 69-104.

¹⁷ CARVALHO, op. cit., p. 171-172.

¹⁸ Ibid., p. 172-173.

¹⁹ PRADO, op. cit., p. 33. Luiz Edmundo, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, apresenta Elyσιο de Carvalho como uma pessoa com “delírio bibliomânico” e com muita generosidade. Acrescenta que, no

início do século XX, esse escritor “... organiza uma notável biblioteca de moderna literatura, mandada buscar diretamente à Europa: livros franceses e ingleses, espanhóis, italianos, quase sempre em edições de grande luxo, volumes impressos em papel de Holanda, China e Japão, coleções raras e caríssimas. Empréstos livros a todos os seus amigos e mesmo aos que o não são. Exemplares únicos aparecem, no fim de algumas semanas, pelos balcões dos sebos da cidade, outros desaparecem para sempre, sem que se saiba, exatamente, onde...”. In: Edmundo, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: XENON, 1987. p. 292. A primeira edição dessa obra foi publicada pela Imprensa Nacional, em 1938, em dois volumes.

²⁰ HEINSFELD, Adelar. O olhar do vizinho: a opinião pública Argentina e a formação das fronteiras territoriais brasileiras. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Departamento de História/UFSC, PPGH/UFSC e ANPUH/SC, n° 10, 2002. p. 23-38.

²¹ CARVALHO, op. cit., p. 226

²² PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. *Notas sobre o Brasil no iberismo de Juan Valera*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand9/concha.htm>. Acesso: em 27 de out. 2005.

²³ BARBOZA, op. cit., p. 39.

²⁴ A discussão sobre estes dois artigos encontra-se numa comunicação apresentada por Maria de Fátima Fontes Piazza, na XXV Reunião Anual da SBPH, no Rio de Janeiro, sob o título *Uma revista lusófila: a América Brasileira* (2005).

²⁵ BARBOZA, op. cit., p. 38.

²⁶ Vide: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1983. p. 90-102. Ramón Gómez de la Serna publicou em periódicos na Espanha resenha dos livros dos escritores e poetas argentinos – Olivério Gironde – “*La vida en el Tranvía*” (1923), no jornal *El Sol de Madrid*, de 4 de maio de 1923 – e de Jorge Luís Borges – “*El fervor de Buenos Aires*” (1924). Sob o título “*Salutación*” (1925), escreveu uma mensagem ao periódico Martín Fierro, antes de viajar a Buenos Aires.

²⁷ MORAES, Eduardo Jardim de. Graça Aranha e o caminho aberto por A Estética da Vida. In: _____. *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 31-32.

²⁸ *Ibid.*, p. 40-41.

²⁹ BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: Estado-Nação, Modernismo e Rotina Intelectual*. Bauri: EDUSC, 2005. p. 164-168.

³⁰ *Ibid.*, p. 80-95.

³¹ A revista *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento* circulou durante o ano de 1924, com 12 números. Foi publicada no Rio de Janeiro pela Edição do Anuario do Brasil, com uma clara militância nacionalista, sob a direção de Álvaro Pinto e Tasso da Silveira. Teve como suas antecessoras, *América Latina: Revista de Arte e Pensamento*, que totalizou seis números e foi publicada de agosto de 1919 a fevereiro de 1920, e *Árvore Nova*, que alcançou apenas dois números, durante o ano de 1922. E como sucessora, *Festa: Revista de Arte e Pensamento*, que teve duas fases: a primeira, composta de doze números, no período de 1927 a 1928, e a segunda, de nove números, no período de 1934 a 1935. Os artigos da *Terra de Sol* convergiam para a história e para o pensamento social brasileiro, entre seus colaboradores destacam-se Rocha Pombo, Elysio de Carvalho, Victor Vianna, Amadeu Amaral. Além de Ronald de Carvalho com matérias sobre “Literatura Brasileira” e “Arte Brasileira”, o núcleo de diretriz católico-espiritualista com Alceu Amoroso Lima e o núcleo simbolista com Andrade Muricy, entre outros com a divulgação dessa corrente literária. Sobre esta revista, Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio ...Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1999. p. 45-55.

³² BOTELHO, op. cit., p. 178-179.

³³ Sobre a comparação entre Paulo Prado e Ronald de Carvalho, Cf. GORGÔNIO, Clóvis; HERSCHMANN, Micael. *Ronald de Carvalho: bárbaro ou alexandrino?* Rio de Janeiro: UFRJ/ECO/CIEC, 1992. 25 p. (Papéis Avulsos, 38). Tanto Paulo Prado como Ronald de Carvalho viam vantagens na imigração, ambos consideravam-na decisiva para o Brasil se tornar um país moderno. Sobre a obra de Paulo Prado, Cf. BERRIEL, Carlos Eduardo Ornellas. *Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado*. Campinas: Papyrus, 2000. 248 p. il.

Ronald de Carvalho continuou desenvolvendo sua tese sobre as três raças formadoras da nacionalidade brasileira e reafirmando a “melancolia” como traço característico do povo brasileiro, conforme se depreende da conferência proferida no Curso Ângela Vargas, em junho de 1925, no Rio de Janeiro, sob o título “As

bases da arte moderna”, publicada no boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira, *Lanterna Verde* [nº 3, fev. 1936, p. 14-23].

³⁴ JOZEF, op. cit., p. 110.

³⁵ Ibid., p. 109.

³⁶ Sobre a modernidade Argentina e os grupos “modernos”, vide: KERN, Maria Lúcia Bastos. *Arte Argentina: Tradição e Modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 152 p. il. (História, 9) e SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1983. 253 p. il. !(Estudos, 82)

³⁷ NAVA, Pedro. *Chão de Ferro: Memórias 3*. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Giordano, 2001. p. 255. Sobre João Ribeiro e seu Manual de História do Brasil, vide: MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. *Senhores da História: a construção do Brasil em dois manuais didáticos de História na segunda metade do século XIX*. São Paulo: FE/USP, 1997. p. 95-107. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).

³⁸ Vide: ARTUNDO, Patrícia. “Clara Argentina”: Mário de Andrade e a nova geração Argentina. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/FAPESP/Imprensa Oficial, 2001. p. 44-45 e MICELI, Sérgio. A vanguarda Argentina na década de 20: notas sociológicas para uma análise comparada com o Brasil Modernista. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.) *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Humanitas, 2004. p. 221-241. A revista portenha *Nosotros*, editada entre 1907 a 1943, foi responsável pela cobertura da atividade literária, constituía uma instância relevante de legitimação intelectual, tendo publicado o manifesto ultraísta de Jorge Luís Borges (1921), uma antologia dos jovens poetas (1922) e realizado um inquérito junto às novas gerações literárias (1923).

³⁹ Sobre o interesse de Mário de Andrade pela literatura hispano-americana, vide: ANTELO, Raul. *Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os hispano-americanos*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/INL, 1986. 345 p. ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004. 223 p. RODRIGUEZ-MONEGAL, Emir. *Mário de Andrade/Borges: um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978. 126 p. (.Elos, 27).

⁴⁰ PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 111 p. (Primeiros Vãos, 19).

Bibliografia

- Antelo, R. 1986. *Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade lê os hispano-americanos*. São Paulo/Brasília: HUCITEC/INL.
- Artundo, P. 2004. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Berriel, C. E. O. 2000. *Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado*. Campinas: Papyrus.
- Botelho, A. 2005. *O Brasil e os dias: Estado-Nação, Modernismo e Rotina Intelectual*. Bauru: EDUSC.
- Brito Broca, J. 2004. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ABL.
- Brito Broca, J. 1998. *Americanos*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Edmundo, L. 1987. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: XENON.
- Gomes, A. C. 1999. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV.
- Gorgônio, C.; Herschmann, M. 1992. *Ronald de Carvalho: bárbaro ou alexandrino?* Rio de Janeiro: UFRJ/ECO/CIEC.
- Jozef, B. 2005. *História da Literatura Hispano-Americana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/Francisco Alves.
- Kern, M. L. B. 1996. *Arte Argentina: Tradição e Modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS. (História, 9).
- Melo, C. F. C. B. 1997. *Senhores da História: a construção do Brasil em dois manuais didáticos de História na segunda metade do século XIX*. São Paulo: FE/USP. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- Nava, P. 2001. *Chão de Ferro: Memórias 3*. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Giordano.

-
- Prado, A. A. 1983. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Rodríguez-Monegal, E. 1978. *Mário de Andrade/Borges: um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Ed. Perspectiva, (Elos, 27).
- Schwartz, J. 1983. *Vanguarda e Cosmopolitismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Veiga, C. 1998. *Um brasileiro francês – Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks.

Artigos de jornais e de livros

- Artundo P. 2001. “Clara Argentina”: Mário de Andrade e a nova geração Argentina. *In: Schwartz, Jorge (Org.). Borges no Brasil*. São Paulo: UNESP/FAPESP/Imprensa Oficial.
- Barboza Filho, R. 2000.. O debate histórico sobre os séculos de ouro da Ibéria. *In: Barboza Filho, Rubem. Tradição e Artifício: Iberismo e Barroco na Formação Americana*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ.
- Carvalho, E. 1997. Don Rufino Blanco-Fombona. *In: CARVALHO, Elysio. Ensaaios*. Brasília: Universa – UCB.
- Chacon, V. 1997. Elysio de Carvalho: do individualismo anárquico ao nacionalismo cultural. *In: Carvalho, Elysio. Don Rufino Blanco-Fombona. In: CARVALHO, Elysio. Ensaaios*. Brasília: Universa – UCB.
- Heinsfeld, A. 2002. O olhar do vizinho: a opinião pública Argentina e a formação das fronteiras territoriais brasileiras. *In: Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Departamento de História/UFSC, PPGH/UFSC e ANPUH/SC, nº 10.
- Lopez, T. P. A. 1992. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. *In: A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Miceli, S. 2004. A vanguarda Argentina na década de 20: notas sociológicas para uma análise comparada com o Brasil Modernista. *In: Margato, Izabel; Gomes, Renato Cordeiro (Orgs.) O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Humanitas, 2004.
- Moraes, E. J. S. 1978. Graça Aranha e o caminho aberto por A Estética da Vida. *In: Moraes Eduardo Jardim de. A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal.
- Nunes, C. 1997. Elysio de Carvalho e o espírito do seu tempo. *In: Carvalho, Elysio. Ensaaios*. Brasília: Universa – UCB.
- Prado, A. Arnoni. 2004. Nacionalismo literário e cosmopolitismo. Prado, Antonio Arnoni. *In: Trincheira, Palco e Letras*. São Paulo: Cosacnaify.

Internet Links

- Piñero Valverde, M. C. 2005. *Notas sobre o Brasil no iberismo de Juan Valera*. Disponível em <<http://www.hottopos.com/notand9/concha.htm>>. Acesso em 27. out. 2005.